

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	500	120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	500	120
Estrangeiro e India	5\$000	2\$500	500	120

36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1230

28 de Fevereiro de 1913

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

Sómente a nossa mania politica rasteirinha e fochuda pôde pôr mancha discordante na emoção clara e calma que nos exalta, ao percorrermos, em visita despreocupada, este lindo Portugal.

Parece que a paisagem portugueza combinou nuanças, orientou detalhes, espalhou côres e dispôs conjuntos para dar á alma um sentimento vago e indefinível de bem-estar compensador da magoa de viver. Portugal é uma região privilegiada — feita para rezar e amar.

O ceu profundo e limpo espalha prodigamente sobre a natureza em festa um inefavel perfume de felicidade que embriaga leivas e saibros e almas em gestações benditas de flôres e pomos e sonhos.

As florestas, ao longe, na sombra fecunda, têm aromas e harmonias que são halitos de labios amantes chamando-nos em humidades de prece e seduções imperiosas.

Os montes, envoltos pela nevoa fluida das distancias, são monges scismáticos, em atitudes de graça, e olhos longamente absortos, na ascensa suprema do Sonho. E o Oceano bravo beija o divino corpo de Portugal e diz-lhe o segredo da sua força e a força da sua dedicação. Sim. Portugal é uma região de maravilha — feita para amar e rezar.

Mas as suas rezas são já expressões do seu amor.

E o amor — que é a febre de vida da sua alma — exalta-se num sonho que se realisa, em meditação intima, em hypnose contemplativa, ou em gestos fecundos de acção. A imagem de Portugal marmorisa-se na figura divina de Nun'Alvares.

Nun'Alvares é o filho legitimo e dileto da paisagem portugueza. Vê-de-o antes do combate, perto e longe do combate, prostrado em humildade, mãos-postas, olhos

obliquados para o ceu altissimo, na catalepsia rigida do sonho.

O seu Deus é o desdobraimento da sua propria personalidade, purificada de meditação, exaltada no maior esforço de elevação.

Vê-de-o no combate, de rosto iluminado, no olhar a luz do universo concentrada e reforçada, no gesto a força dum titan e a convicção duma virtude sobrehumana. Não é homem: E' já Deus. E' Deus a transparecer no homem. O pensamento divino incendeu-lhe no coração a energia la-

tente que a paisagem portugueza ali tinha disposto.

Assim Nun'Alvares, assim Portugal.

A alma portugueza é a paisagem portugueza tornada consciencia. Mas sendo assim, porque aparecem, agora, divorciadas, a alma e a paisagem de Portugal?

A paisagem portugueza é sempre bela, sugestiva da mais elevada meditação, incitadora dos mais altos feitos.

A alma de Portugal — a alma primitiva de Portugal — essa — parece! —

deseviou caminho, cortou a sua evolução pelas alturas, quebrada de desvairo, amolecida de cansaço por sonhos negativos. Causas deste desvio mórbido? ...

Sabemos lá! Uns notam a transfusão do sangue africano nas veias lusas. Outros apontam a intoxicação da alma portugueza pelos processos exóticos do jesuitismo.

Sabemos lá! O que é evidentissimo — porque a vivemos — é a decadencia que nos mirra e dosconsola.

O lusismo energico dos antigos tornou-se sebastianismo emoliente.

Mas — cremol-o bem — a alma portugueza não morrerá.

Um alvôr de renascença começa a raiar nos nossos horisontes, frouxamente, mas iniludivelmente. Labios rubros murmuram esperanças. Os clarões crepusculares que se espriam nos longes vagos do horisonte, são pronuncios de vida — se é que não são pronuncios de morte.

A energia inquenta que se começa a dispendar agora, diz convalescência — se é que não significa agonia.

Mas — cremol-o bem — a alma portugueza não morrerá.

O glóbulo vermelho de heroismo que boia no sangue portuguez, tonifica e vivifica-se.

O lusismo não esmaeceu; por vezes, aqui e ali, nos campos virgens e pelas cidades de corrupção, revela-se, de subito e inesperadamente, em rasgos de heroismo anónimo.

Não vamos recordar neste momento a revolução de Outubro que



O CAPITÃO ROBERT FALCON SCOTT QUE PERECIU NA EXPEDIÇÃO INGLESA AO POLO SUL

têve como coroação gloriosa o predomínio do regime republicano. Esta revolução mostrou, de parte a parte coragem e covardia, resultantes de ideias e interesses que se debatiam, frente a frente, individuo contra individuo, e também adentro da consciencia do mesmo individuo.

No entanto, esta revolução manifestou claramente quanta dedicação e abnegação animam o nosso povinho anônimo das cidades e campos, quando se convencem absolutamente da justiça e nobreza duma ou outra causa ou ideia. Ah! Este povoleu esquecido e sem nome, que não se reclama nem impõe, que passa a nosso lado, dia a dia, malquisto e indiferente, como ele sabe, por vezes, exaltar-se e elevar-se té á estatura dos deuses!

Umaz vezes, é a mulher carinhosa e fera que se arremessa ao rio da sua terra para salvar a criancinha da sua guarda que deslisou num pego sem fundo.

Outras vezes, é o pai, temerário, alanceado e alucinado de dôr, que se precipita dum comboio veloz, á linha-ferrea, esquecido de si e de tudo — só lembrado do menino do seu carinho que desapareceu numa vertigem e talvez, lá em baixo, — onde?... — esteja, erguendo os bracinhos doridos, estatelado em sangue.

Visitai a nossa provincia. Serranos lestos, de rostos bronzeados e cavados, fisionomias duras cheias de rugas e arestas, de expressão seria e gestos sóbrios, passam por nós, em cadencias rítmicas, deitando um cumprimento amavel, numa cortezia singela e desartificial. Se lhes correspondes amenamente teres conquistado, não um simples conhecimento, mas um amigo corajoso e leal, caldeado ao calor de mil sóes, bravo como o leão, que se arrojará a mil perigos por vossa causa.

Visitai as nossas aldeias á beira-mar. E os poveiros rijos e ossudos caminham a vosso lado, com modos fatalistas, de aspecto sereno, olhos vagos perdidos nas amplitudes sem fim, da commissura dos labios cachimbo negro pendente. Manhã de névoa, manhã de bruma, resôam lugubrememente do misterio remoto dos espaços, buzinas insistentes de alarme. O oceano raiva e espraia-se, estorce-se e levanta garras de extremínio, rompe balizas e ruge cóleras indomadas. E as buzinas gritam socorros e enrouquecem em desespero.

— Santa Mãe de Deus! Ha desgraça no Mar!
E as multidões acorrem num momento. E na praia imensa aglomeram-se, amontóam-se, aos poucos, em breve, de corrida, á chuva traiçoeira, ao frio de regêlo, creanças, mulheres, e homens resolutos, de mãos erguidas e bocas rubras de preces e gritos e pragas. Ha naufragio, ao longe! Santo Deus! Quem irá de socorro?...

E toda aquela gente corre, nervosa, em frémitos, numa roda viva.

Ha barcas de salvação junto á praia. Já golopam, em vertigem, sobre as ondas bravas, ondas de perdição, ondas coléricas, rajadas de espuma, ondas verdeneiras de morte. E as lanchas avançam com donaire, sobem, descem, assomam, afundam-se e desaparecem, e lá tornam a apontar ao longe, pequeninas, quasi perdidas na amplitude. Aproximam-se, afastam-se. Parecem jogar aos quatro cantinhos. Parecem jogar ás escondidas com a morte... Mas eis que já regressam. Navio perdido. Naufragos salvos! E os heroes anônimos enveredam para os seus lares, desdenhosos de honras, ricos de energias.

E os portugueses valentes que embarcam para as regiões longinquas da Conquista... As mãis velhinhas ficam chorando e lamuriando pelo caos, derreadas de saudade, entenebrecidas de agoiros mãos. Algum velho de barbas proféticas e attitude impertinente, anda, pelo Restelo, clamando predicas de maldição ás multidões entristecidas. Mas eles lá vão — os embarcados felizes — pelos mares de misterio e maravilha. E das terras de Além-Mar, enviam ás familias orgulhadas postais bonitinhos que representam barbaças arripiadas de indigenas gigantes e corpos de négras beicudas com seios pendentes e saios leves.

E se o prêto quer lundum guerreiro — o portuguezinho sabe apontar a carabina e pratica tais prodígios de frugalidade e valentia que a estranja estaca e pasma.

E é por tudo isto que nós cremos que a alma portugueza não morrerá. O lusismo não esmaeceu. O glóbulo vermelho de heroísmo que boia no sangue portuguez tonifica e vivifica-se.

São estas as linhas essenciaes da psicologia do portuguez, que os jornalistas britannicos, de visita

a Portugal, por convite da Sociedade de Propaganda, facilmente surpreenderiam, se por aqui se demorassem e tivessem feito um estudo de observação severo e consciencioso

Assim, nestes breves passeios que efetuaram, mal tiveram tempo para admirar as nossas encantadoras paisagens e avaliar da situação politica interior de Portugal.

Não puderam encarar a alma portugueza — a alma deste povo manso e heroico, arrebatado e descuidado, energico e indolente — e observaram os seus costumes atravez da pompa das recepções festivas.

Mas ainda que só tivessem avistado, de longe, a olhares furtivos, a paisagem formosa de Portugal, deveriam, mesmo assim, sentir-se cheios de gratidão, admiração e amor. E a paisagem e alma portuguezas correlacionam-se bem. A alma tem branduras serpentinadas de onda que se espreguça, e a linha voluptuosa de vales que adormecem sob olorosos e lindos lençóis de flores. E nos momentos febricitantes de heroicidade tem altivezas indómitas de escarceu que escachôa e rebenta, e a cólera fria de montanha que vai de escalada ao ceu.

Os jornalistas britannicos desembarcaram no Porto de Leixões no dia 16 do corrente, sendo conduzidos immediatamente para terra na lancha *Hermes*. Recebidos festivamente no Porto, visitaram a casa onde nasceu o infante D. Henrique e admiraram a ponte D. Luiz, palmilharam ruas e ruelas, observaram monumentos e edificios publicos, bibliothecas, jardins e igrejas. Excursionaram pelos campos de Guimarães e Braga. Dégressaram por Penacova e Coimbra. Visitaram a Batalha e o Bussaco. Thomar e Cintra. Chegaram a Lisboa, na madrugada do dia 21 — sexta-feira — onde são acolhidos e abraçados cordealmente.

Organizam uma excursão pelas regiões encantadoras do Algarve. Eis, a traços rapidos, o itinerario dos nossos illustrados visitantes.

Passeio de delicias. Viagem de encantamentos. Peregrinação de sonho.

Rios de aguas claras. Montes de declives dulcificados. Céu azul. Mar bonançoso. Brisas meigas.

Ao regressarem aos seus nevocirentos paizes — estamos certos — os senhores turistas, hão de sentir, por vezes, frémitos de saudade do lindo Paiz encantado que deixaram — lindo Paiz de misticismo e heroísmo, de sonho e lenda...

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

Fim tragico d'uma expedição ao Polo Sul

A patria de Shakespeare e de Milton, a poderosa Inglaterra, foi ha pouco abalada pelo fim verdadeiramente tragico do capitão Scott e quatro companheiros que a ancía do ignoto havia attrahido ao Polo Sul, onde, todavia, já tremulava triumphante e orgulhosa a bandeira norueguêza, que outro intemerato e audacioso explorador — Roald Amundsen — ali firmara no memoravel dia 14 de Dezembro de 1911.

Exactamente quando se esperava o regresso á Nova Zelandia da expedição Scott, o telegrapho transmitiu a todo o mundo a horripilante noticia da catastrophe, que nos veiu recordar o desastre de John Franklin, succedido ha sessenta e seis annos.

O capitão Robert Falcon Scott havia-se distinguido em 1901 numa primeira expedição ao polo sul, a bordo do *Discovery*. Em Maio de 1910 apresentou á *Real Sociedade de Geographia de Londres* o projecto d'uma nova viagem que ia empreheender tendo por objecto a conquista do Polo. E lá foi, embarcado no *Terra Nova*.

Em Janeiro de 1911 estabelecia-se com doze companheiros em *Terra Victoria*, na extremidade do *Sound Mac-Murdo*, a alguns kilometros do ponto onde passára dois annos, por occasião da primeira expedição de 1901 a 1903, e perto do caminho seguido por Shackleton em 1908. O chefe da missão inglêsa conhecia admiravelmente o terreno em que ia operar, não tendo pois necessidade de perder tempo e forças para procurar o melhor caminho para o Polo; bastava-lhe que seguisse o que Shackleton havia trilhado.

Escolhido o ponto onde deviam hibernar, Scott tratou de instalar os depositos de viveres na *Grande Barreira*, essa enorme geleira de 800 metros de largura e 600 kilometros de comprimento,

que se estende para áquem d'essas gigantescas montanhas, em cujo centro está o Polo. Fizeram-se tres esconderijos de viveres, sendo o mais meridional a 79° e 30' de latitude. Era constituido por uma tonelada de provisões. D'ahi o nome de *One Ton Camp*.

Amundsen, porém, estabeleceu o seu deposito a 278 kilometros, mais perto do Polo; e foi devido a isso, e a terem a base de operações cerca de 110 kilometros mais ao sul, que os norueguêses gosaram de manifesta vantagem contra os inglêses.

O inverno correu sem incidentes e, no começo da primavera austral, a 2 de Novembro de 1911, Scott pôs-se a caminho para o Polo, á frente d'um comboio de 10 trenós, puxados por outros tantos *ponies*, e 2 trenós automoveis com forragens e abastecimentos. Os viveres de reserva eram transportados por cães.

Em consequencia do aquecimento dos motores, devido ao mau funcionamento do aparelho de resfriamento pelo ar, os tractores foram abandonados a 80° e 30' de latitude, tendo prestado, no entanto, bom serviço nos 300 kilometros percorridos.

Começa então a marcha sobre a *Grande Barreira*, muito lenta por causa dos medonhos *blizzards* (vento que sopra continuamente durante 6 e 8 dias, com a velocidade que vai de 38, 52 a 66 e mesmo 80 milhas, ou sejam 128 kilometros por hora, e com a temperatura de 30 a 35 graus abaixo de zero!) e abundantes quedas de neve.

Sómente a 10 de Dezembro de 1911, isto é, 38 dias depois de ter partido da *estação d'inverno*, a caravana chegava á extremidade meridional d'esse immenso lençol de gêlo, ao pé do enorme massiço que protege o Polo. No dia seguinte Scott e sete companheiros iniciam a ascensão das montanhas pela *Geleira Beardmore*, por onde 3 annos antes passára Shackleton.

As forragens estavam exgotadas e os *ponies* sobreviventes haviam sido abatidos antes de se começar a ascensão. Scott e os companheiros substituem-nos, puxando os trenós. Amundsen, porém, ao romper a marcha pela montanha dispunha de mais de 40 animaes vigorosos.

A tempestade e a neve dificultam em extremo a marcha; mais para cima, o terreno permitte-lhes o andamento de 24 a 36 kilometros por *étape*. A 3 de Janeiro de 1912 Scott encontra-se a 87° e 32' de latitude ou seja a 270 kilometros do Polo. Ahi, para poupar viveres, ordenou a 3 companheiros que retrocedessem, continuando Scott a avançar com os 4 restantes, a saber: o *dr. Eduardo Adriano Wilson*, medico, zoologo e artista, que o acompanhara na exploração de 1900-904, a bordo do *Discovery*, o tenente *H. R. Bowers*, o capitão *L. E. G. Oates* e o subalterno *Edgard Evans*.

Andando cerca de 12 milhas por dia, chegam finalmente ao Polo a 17 de Janeiro de 1912, mas só no dia 18 poderam fazer os calculos. Scott empregou o theodolito, ao passo que Amundsen havia usado o sextante, havendo uma differença de cerca de meia milha (800 metros) entre os dois calculos.

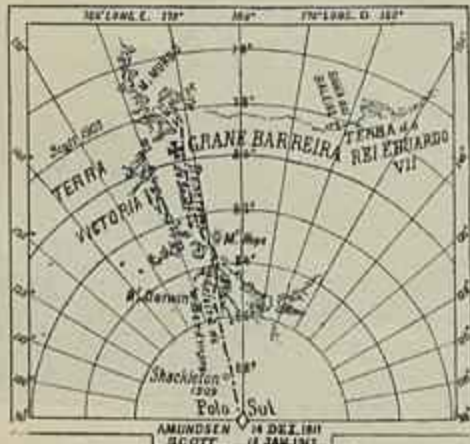
Imagine-se agora o desespero, a raiva e o despeito de Scott e dos seus heroicos companheiros ao depararem com a tenda, a bandeira e os documentos deixados por Amundsen, que se lhes adiantara mais d'um mês. Essa desventura, apoz tão esforçados trabalhos e perigos, contribuiu muito para o fim tragico que os esperava poucos dias depois, ao voltarem á base das operações.

Se a ascensão da *Geleira Beardmore* havia sido difficil, peor era agora a descida, porque a neve e a tempestade eram implacaveis, e a temperatura oscillava entre 30 e 40° abaixo de zero, numa epoca correspondente ao fim de Julho nas nossas latitudes! A 15 de Fevereiro, chegam, á custa de esforços sobrehumanos, ao fim da *Geleira Beardmore*. Tanto o deposito de viveres do planalto, a 89° lat. S como o do *Monte Darwin*, a 85° e 7' estavam em bom estado. Antes de descerem a *Geleira de Beardmore* o *dr. Wilson* e o tenente *Bowers* visitaram a *ilha de Buckley*, no cume da geleira, onde colheram fosseis e carvão. Passaram pelo *Monte Kinsey*, cujo pico de *dolerite* está a 11.000 pés de altitude. Fizeram uma paragem no *Monte Cloudmaker*, onde colheram importantes fosseis e especimens geologicos.

De *Cloudmaker* ao sopé da *Geleira de Beardmore* a caravana soffre as consequencias do mau tempo e principalmente a queda de crystaes de neve. A 17 de Fevereiro morre o subalterno *Evans* que escorregára no gêlo e fracturára a cabeça, obrigando á paragem dos companheiros, assustados já com a escassez das provisões.

Da *Geleira de Beardmore* á estação d'inverno no *Sound Mac-Murdo* distam 650 kilometros, a

planície da Grande Barreira. A neve, sob a temperatura de — 35° de dia e — 43° de noite, transforma-se em crystaes de gelo, semelhantes á areia, dificultando immenso a marcha da caravana, que vae diminuido de nove a tres milhas por dia. A adversidade obstina-se em proseguir a mallograda expedição, enfraquecida pela redução dos viveres, a que se vê forçada até attingir o deposito mais ao sul, em *One Ton Camp*. Quanto mais necessaria se torna a lucta, menor é a força de resistencia dos exploradores, que apoz um mês de marcha estão ainda a mais de 250 kilometros da estação d'inverno.



Posição aproximada da estação de desastre.

Entretanto, o capitão Oates, é gravemente «mordido» pelo gelo nos pés e nas mãos, e arasta-se com grande dificuldade. Os camaradas não o abandonam, apesar dos rogos de Oates para que prosigam. A 16 de Março a tempestade força-os a acampar sob uma tenda, a fim de resistirem á acção mortifeira do *blizzard*. Oates reconhece a impossibilidade de triumphar da morte que se lhe approxima e, não querendo sacrificar o resto da caravana, pratica um acto de heroica abnegação, dizendo: *Eu saio e demoro-me algum tempo*. Os companheiros supplicam-lhe que fique. A sua resolução era, porém, inabalavel e num momento Oates desaparecia para sempre, tragado pela morte, cujas garras estavam occultas no horrivel *furacão branco*, o *blizzard*.

Era a 17 de Março, dia do anniversario de Oates.

Depois d'esse drama, que bem synthetisa a coragem de que é capaz o cidadão inglês, os tres sobreviventes põem-se immediatamente a caminho, a despeito da tormenta, em busca do deposito situado a 79° e 30'. Marcham durante cinco dias, anciosos por attingirem *One Ton Camp*, quando, a 21 de Março, a 18 kilometros apenas do deposito de viveres, se lhes depara novo *blizzard*, mais terrivel que os anteriores. As caixas de provisões estão vazias, o combustivel está findo e o maldito furacão de neve é cada vez mais mortifero. E' a fome e o frio com todos os seus horrores! Scott e os seus restantes companheiros soffrem o supplicio de Tantalos. Os seus olhares quasi divisam a fujir no horizonte *One Ton Camp*, mas o *Destino* detem-nos sob uma tenda, onde a 10 de Novembro de 1912 os seus cadaveres são encontrados pela expedição organizada pelos collegas de Scott, que aguardavam, na estação d'inverno, o regresso da caravana. Era a terceira expedição. As duas primeiras tiveram que desistir e retroceder. A tenda estava bem firme e meio coberta de neve, e o trenó completamente coberto. Nesse local, a 11 milhas de *One Ton Camp* e a 155 milhas da base de operações, ergue-se um montão de pedras com uma cruz e uma inscripção perpetuando a morte de Scott, Wilson, Bowers, Oates e Evans, martyres da sciencia e heroes da Inglaterra.

Scott, moribundo, sentindo já o sangue a congelar-se-lhe nas arterias e a vida a evolar-se para as regiões ethereas, tenta um ultimo arranco voltando o olhar semi-apagado para a patria amada, para o filhinho estremecido, que a essa hora sorria descuidoso nos braços de sua mãe, e para os parentes de seus heroicos companheiros. Escreveu uma *mensagem ao povo inglês*, com a data de 25 de Março de 1912, em que resume as causas do mallogro da expedição, terminando por um appello aos seus compatriotas a favor das familias d'aquelles intrepidos heroes.

Scott parece ter sido o ultimo a morrer. Foi chefe da expedição até á plena consummação da tragedia! Calcula-se que o seu fallecimento se teria dado a 29 de Março.

Das provisões, restava apenas meio arratel de chá e umas duas colheres de assucar!!!

A morte tão tragica de Scott e seus companheiros provocou em toda a Inglaterra um extraordinario movimento patriótico a que preside o rei George V, que assistiu, em 14 do corrente, ás exequias realizadas por alma das victimas da expedição polar, na cathedral de S. Paulo, onde não puderam entrar cerca de 10:000 pessoas que, em piedosa e compungida homenagem, assistiram, fóra d'aquelle vastissimo templo, a tão commovente cerimonia.

As subscrições attingem já a mais de 20:000 libras, havendo quem subscresse com 1:000 libras.

O sr. D. Manuel de Bragança, segundo informa o *Times*, contribuiu com 25 libras.

O capitão Robert Falcon Scott, nasceu em Devonport em Junho de 1868. Foi o chefe da Expedição Antartica de 1906-1904, em que teve por companheiro Ernesto Shackleton. A 16 de Julho de 1910 partiu de Londres para tomar o commando da *Expedição Antartica Britannica*, sahindo de *Port Chalmers*, na Nova Zelandia, no fim de Novembro do mesmo anno. Esperava attingir o Polo Sul em Dezembro de 1911, mas só lá chegou a 18 de Janeiro de 1912, isto é, 35 dias depois de Amundsen.

Madame Scott desembarcara na Nova Zelandia, indo ao encontro de seu marido, no fim de Janeiro ultimo, precisamente quando ali chegava a fatal noticia do fim tragico da expedição.

O capitão Scott — segundo o testemunho do jornal *O Dia*, de 17 do corrente — fazia parte dos almirantes e commandantes que a 17 de Fevereiro de 1907 foram recebidos pelo rei D. Carlos a bordo do *yacht Amelia*, na bahia de Lagos, onde uma formidavel esquadra britannica viera fazer manobras, sob o commando supremo de *Sir Arthur Wilson*. «Entre esses commandantes havia um com menos de 40 annos, robusto, de cara rapada e olhar vivissimo, tendo já os quatro galões de capitão de mar e guerra. Distinguia-se dos outros por ter ao peito uma medalha d'ouro presa a uma fita branca como a neve. Era o commandante do couraçado *Albemarle*, chamavase Robert Scott e já então era celebre pelas suas viagens ás regiões polares.»

23-11-13.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Inauguração de uma lapide na casa onde nasceu o 2.º Visconde de Santarem

Em 14 de janeiro de 1907 celebrava a Sociedade de Geografia de Lisboa uma sessão solene para inaugurar o retrato do 2.º Visconde de Santarem, na sua *Sala Portugal*.

A benemerente sociedade tomava assim a iniciativa de principiar a pagar uma divida nacional ao illustre português que foi honra da sua patria e gloria das letras portuguezas, o 2.º Visconde de Santarem.

Outras homenagens se deviam seguir a esta, qual foi a da publicação de importantes escritos inéditos do grande e sabio investigador da historia patria, tarefa de que se encarregou o sr. Jordão de Freitas, erudito bibliotecario da Ajuda, reunindo tantos e valiosos trabalhos inéditos e outros esparços, o que foi recentemente mandado publicar pelo actual Visconde de Santarem, sr. Manuel Francisco de Barros Saldanha da Gama de Sousa Mesquita Macedo Leitão e Carvalho, neto do illustre diplomata, obra a que o *OCCIDENTE* se referiu a paginas 255 e 262 do vol. xxxv de 1912, n.º 1220 e 1221.

Outras homenagens se seguiriam e é certo. Agora foi a Academia de Estudos Livres que tomou a iniciativa de pedir á Camara Municipal de Lisboa a colocação de uma lapide na casa onde nasceu aquele sabio escritor, sendo a proposta apresentada pelo vereador sr. Agostinho Fortes.

Honrosa foi para a Academia de Estudos Livres esta iniciativa, acrescida da circumstancia de ser naquela casa que tem sua sede.

Realisou-se a cerimonia no dia 24 de janeiro ultimo, anniversario da entrada daquelle illustre português no antigo Colegio dos Nobres, hoje Escola Politécnica.

Para este fim compareceram na rua da Paz e em frente da casa n.º 1 a 7 os srs. Agostinho Fortes e dr. Joaquim Kopke, por parte da Ca-

mara Municipal; sr. visconde de Santarem, neto do segundo visconde de Santarem; srs. Antonio Alfredo Alves, Francisco Bernardino Cardoso, Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves e Manuel Esteves Camara, directores da referida Academia, com muitos outros socios e alunos, etc.

A lapide, que se encontrava coberta com a bandeira nacional, foi descerrada pelo sr. Visconde de Santarem, e resa o seguinte, em letras douradas abertas em pedra:

NESTA CASA NASCEU EM 18 DE NOVEMBRO DE 1791
MANUEL FRANCISCO DE BARROS E SOUSA DE MESQUITA DE MACEDO LEITÃO E CARVALHOSA 2.º VISCONDE DE SANTAREM FALLECEU EM PARIS A 17 DE JANEIRO DE 1856 A CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA EM 17 DE JANEIRO DE 1913 MANDOU COLLOCAR ESTA LAPIDE COMO HOMENAGEM AO EMERITO CIDADÃO QUE NO PAIZ E NO ESTRANGEIRO MUITO HONROU A PATRIA PELAS SUAS LETRAS E VIRTUDES

Terminado este acto, passou-se á sala das sessões da Academia, onde, sob a presidencia do sr. Agostinho Fortes, secretariado pelos srs. visconde de Santarem e Cardoso Gonçalves, o sr. presidente proferiu uma breve allocução, fazendo o elogio do sabio português a quem era prestada aquella justa homenagem.

Nesse mesmo dia, ás 21 1/2 horas, a Academia de Estudos Livres celebrou uma sessão solene dedicada á memoria do 2.º Visconde de Santarem, sendo convidado a presidir o actual sr. Visconde de Santarem secretariado pelos srs. Jordão de Freitas e Agostinho Fortes, o qual discursou largamente sobre o benemerito cidadão a quem era prestada aquella homenagem e quanto era bem merecida, pois soubera honrar a patria com seus talentos e virtudes civicas, num proficuo trabalho de investigação e critica da historia.



VISCONDE DE SANTAREM

Referiu-se ainda ao sr. Jordão de Freitas por sua valiosa contribuição para tornar conhecida a obra do grande português, assim como ao sr. Visconde de Santarem, que ali presidia e que tanto se esforçou na publicação dessa obra, honra de Portugal, dando assim não só prova de seu grande amor e respeito pela memoria de seu avô, mas ainda de seus sentimentos patrióticos.

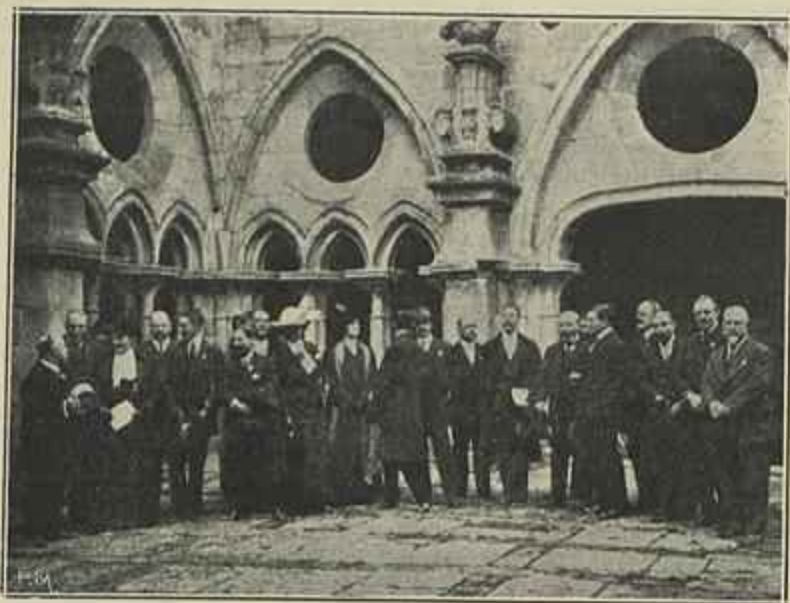
Foi esta, em verdade, mais uma significativa homenagem com que se vae amortisando a divida em que nosso pais está para muitos de seus filhos illustres.

Por ocasião desta comemoração, publicou o actual sr. Visconde de Santarem, uma memoria, elaborada pelo sr. Jordão de Freitas, sobre: *Onde nasceu o 2.º Visconde de Santarem?*, memoria que temos presente e que reúne todas as investigações documentadas, provando que esse nascimento teve logar na referida casa da rua da Paz n.º 1 a 7, da freguezia de Santa Catarina, da cidade de Lisboa.

Acompanha a memoria um retrato do 2.º Visconde de Santarem aos 30 annos, e que nestas paginas reproduzimos, assim como apresentamos o retrato de seu illustre neto, que tão bem sabe honrar a memoria de seus antepassados.

C. A.

Visita de jornalistas Ingleses a Portugal



NO CLAUSTRO DA SÉ DO PORTO, DEPOIS DA VISITA Á BIBLIOTECA



EM CASA DO ESCULTOR TEIXEIRA LOPES, EM VILA NOVA DE GAIA



NA VISITA Á UNIVERSIDADE DE COIMBRA SÃO OS JORNALISTAS RECEBIDOS PELOS LENTES E ESTUDANTES



NO BOM JESUS DE BRAGA, SAHINDO DO HOTEL DEPOIS DO ALMOÇO, AS MOÇAS DO MINHO FAZEM ALAS Á SAHIDA



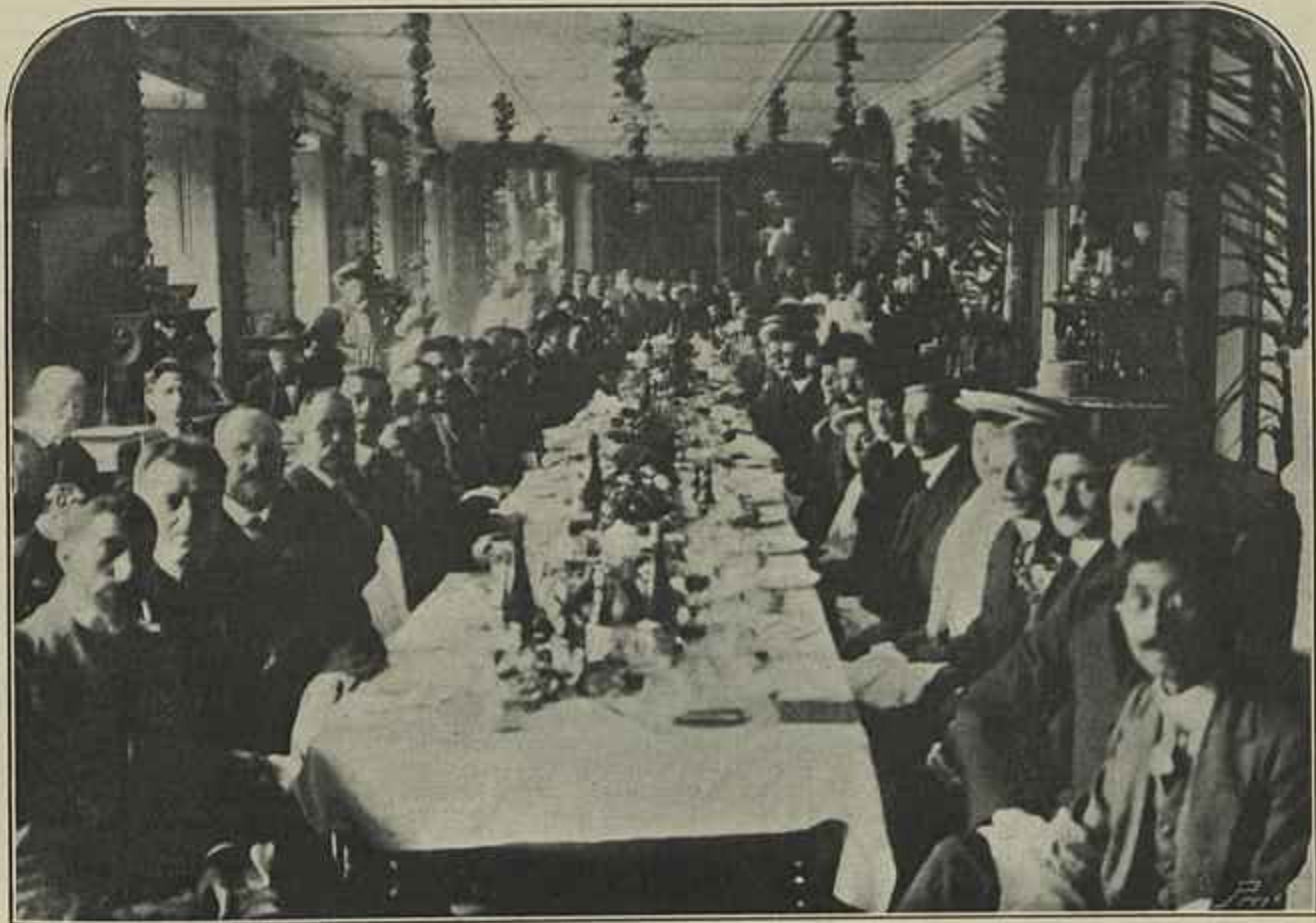
EM LISBOA, NO PALACIO DE BELEM, OS JORNALISTAS RECEBIDOS POR SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA



EM GUIMARÃES, OS JORNALISTAS VISITANDO AS RUINAS DA CITANIA (VEJA CRONICA OCCIDENTAL.)

(Cliches Benoliel)

Visita de jornalistas Ingêleses a Portugal



EM CINTRA — ALMOÇO NO HOTEL NETO, OFERECIDO PELA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS DE LISBOA AOS JORNALISTAS INGLÊSES



INAUGURAÇÃO DA LAPIDE NA CASA DA RUA DA PAZ 1 A 7 ONDE NASCEU O 2.º VISCONDE DE SANTAREM, SÊDE DA ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES



O 2.º VISCONDE DE SANTAREM AOS 30 ANOS

Monumentos de Portugal

O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1227)

Tão grande na elevação da alma, e na valentia do braço como leal no cumprimento das promessas, o vencedor d'Aljubarrota não deixou emmurhecêrem-se os loiros de tão assignalado

triumpho sem dar testemunho publico da sua gratidão e piedade.

Ainda muitas fortalezas e praças de guerra guardavam obediencia ao rei de Castella, ainda a luta estava acesa nas fronteiras de Portugal, onde o condestavel D. Nuno Alvares Pereira sustentava o lustre das armas portuguezas; ia o mestre d'Aviz em romaria a Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães. Não o cercavam, porém, n'esta jornada, as pompas da realza. O principe, a quem a nação havia cingido a fronte, pouco antes, com a corôa de Affonso Henriques; o heroe que acabava de humilhar, vencendo o, o poderoso monarcha de Castella e de Leão, caminhava agora a pé em longa viagem como o ultimo dos seus soldados, como o mais pobre e humilde dos seus vassallos.

Com igual promptidão com que se desempenhava da promessa feita a Nossa Senhora da Oliveira na hora solemne do perigo, cuida D. João I em cumprir o voto que fizera tambem á Virgem de edificar em sua honra um convento magnifico.

Porém, caso singular e difficil de se explicar, não se sabe a data precisa d'esta fundação. Ao passo que consta, não só anno, mas tambem o mez e o proprio dia em que o fundador da monarchia deu principio ao mosteiro d'Alcobaça, nem pelo menos se sabe com certeza o anno em que o mestre d'Aviz lançou a pedra fundamental nos alicerces do convento da Batalha!

Cresce de vulto esta falta, se considerarmos que diz respeito ao nosso primeiro monumento, primeiro aos olhos da arte e na significação historica. E ainda se aggravará mais, por não haver circumstancia que a atenua, se nos lembrarmos que similhante fundação pertence a uma epocha que deu assumpto para o nosso primeiro livro de historia, a chronica de D. João I, escripta por Fernão Lopes, auctor contemporaneo d'este monarcha.

Não se pense que a certeza d'essa data apenas satisfaria um capricho da curiosidade. A data da fundação dos monumentos é em geral um indicador por meio do qual se pôdem afferir os passos que deu, ou vae dando no caminho da civilização o povo que levanta esses padrões do seu progresso. Mas no caso presente tem muito maior valia, e mais alta significação, porque o monumento de que trato abriu uma epocha inteiramente nova para as artes n'este paiz. E não sómente a abriu, poderei dizer tambem que a fechou, constituindo por consequente simultaneamente a chronica do periodo mais glorioso para as artes que tem tido Portugal, e o unico typo perfeito e completo d'aquelle genero de architectura que possuímos.

Não lancem, portanto, os meus leitores, á conta de prolixidade o que passo a escrever sobre esta materia.

Frei Luiz de Sousa, o elegante chronista da ordem de S. Domingos, não achou no cartorio do convento da Batalha, onde viveu alguns annos, documento algum por onde constasse a data da fundação. Todavia suppõe que este successo se realisou no proprio anno de 1385 em que os portuguezes ganharam a victoria d'Aljubarrota.

Diz o referido escriptor no livro 6.º da *Historia de S. Domingos*, fallando d'el rei D. João I: «Com a victoria deu Deus ao portuguez tambem o reino, que brevemente foi reduzido todo á sua obediencia. Mas no tempo que tardou em o queitar de todo, não quiz dilatar o cumprimento e desobrigação do voto. Com as armas ás costas revia traças, consultava architectos, buscava officiaes; e ganhando por uma parte á força logares rebeldes, que lhe resistiam, ia por outra edificando paredes sagradas. E foi assim, que já havia tres annos que a obra do mosteiro corria, quando, estando de cerco sobre o castello de Melgaço, assentou de o dar á ordem de S. Domingos, segundo o achamos declarado no testamento, que muitos annos depois fez, em uma verba, que diz assim: — *Porque nos prometemos no dia da batalha que houvessemos com el rey de Castella, de que Nosso Senhor Deus nos deu victoria, de mandarmos fazer á honra de Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera então era, a cerca donde ella foy um mosteiro; o qual depois que foy começado nos requereu o doutor João das Regras do nosso conselho, e por Lourenço Lamprêa, nosso confessor estando nós em cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da ordem de S. Domingos. E nós duvidámos de o fazer, porque assim foy nosso prometimento de se fazer á honra da dita Senhora Nossa Santa Maria. E responderam-nos que a dita ordem especial era muito da dita Senhora, declarando-nos as razões porque; as quaes vistas por nós, acor-*

dámos, e prouvemos de ordenar o dito mosteiro que fosse da dita ordem, etc.

«Tanto que el-rei se fez senhor de Melgaço, e se veiu recolhendo para baixo, parou na cidade do Porto, e n'ella mandou passar carta de doação á ordem no principio do anno de 1388, cujo treslado tirado do proprio, que se guarda no cartorio do convento, é o seguinte:»

O documento que frei Luiz de Sousa passa a transcrever é datado do Porto aos 4 de abril de 1388. N'esta doação declara el-rei que o mosteiro já estava começado.

E' pois fóra de toda a duvida que o edificio teve começo entre os annos de 1385 e 1388. Ao ultimo devo pôr de parte, não só pelo que refere a doação, mas principalmente pelo que diz el rei na citada verba do seu testamento, em que dá por principiada a obra do convento achando-se no cerco de Melgaço, aonde chegou em janeiro de 1388. O anno de 85 tambem pede a boa razão que o ponha fóra do calculo, pois que não é crível, que, fazendo el-rei o voto, e dando-se a batalha no dia 14 de agosto, podesse começar-se n'esse mesmo anno, no curto espaço de quatro mezes e meio, uma obra de tal grandezza e magnificencia. Ficando restricta a escolha aos annos de 1386 e 87, direi que o maior numero de conjecturas me levam a designar o primeiro d'estes como o da fundação do convento. Attenta a pequena differença de um anno, não merece a pena, sem duvida, fazer aqui estendal d'essas conjecturas. Bastará accrescentar ao que deixo exposto, que o sabio patriarcha D. Frei Francisco de S. Luiz, na sua erudita memoria sobre o edificio da Batalha, diz que foi no anno de 1386 que principiaram os trabalhos.

Queria el rei que se erigisse o monumento da sua piedade no proprio logar onde vencera os inimigos da patria; porém oppunham-se a estes desejos a secura e asperezas do terreno, tão pobre que mal se vestia de enfiadas urzes; tão arido que não havia por alli signal de agua, a não ser a que cahia do céu em chuva ou em escaços orvalhos; e tão deserto, finalmente, que não se via uma choupana, nem sequer uma arvore que quebrasse a monotonia d'aquellas tristes charnecas.

Sendo pois necessario procurar nas visinhanças sitio mais apropriado, escolheu e comprou el rei a Egas Coelho, e a sua mãe, Maria Fernandes Meira, a quinta do Pinhal, junto á aldeia da Canoeira, e situada em um fresco valle, abundante d'aguas, a meia legua de distancia do logar onde se pelejára a batalha.

Foi n'esta quinta que se fundou o convento. E tanta pressa tinha D. D. João I em ver consagrado aquelle logar pela oração, que tendo doado á ordem de S. Domingos o convento apenas principiado, como acima disse, determinou que fossem logo alguns religiosos tomar posse d'elle. Passado pouco tempo quiz que fossem viver nas casas da quinta, celebrando n'ellas os officios divinos, emquanto as obras proseguiam. Cumprisse a vontade real, indo assistir nas ditas casas o padre mestre frei João Martins com outros companheiros, correndo o anno de 1388, no qual el-rei lhes fez doação da referida quinta do Pinhal.

A' ordem dominicana, na sua qualidade de mendicante, não lhe era permitido possuir bens de raiz; porém D. João I que *havia por desautoridade e menoscabo de nome real viver de esmolas a casa, que tinha o seu nome*, solicitou e obteve do papa Bonifacio IX, que a este convento por excepção fosse concedida a facultade de possuir propriedades e rendas perpetuas, e aceitar heranças.

Progrediram as obras do convento da Batalha com muita actividade e rapidez por todo o reinado d'el rei D. João I. Porém, não obstante ser este muito longo, pois que abrangeu um periodo de 38 annos, desde 1385, em que o mestre d'Aviz foi aclamado rei, até 1433, em que falleceu, não bastou para o acabamento de tão grandioso edificio. Durante os cinco reinados que se seguiram ao do fundador continuaram constantemente os trabalhos de construcção, incluindo n'elles os da chamada *capella imperfeita*. Em outro logar mais adequado tratarei das obras executadas em cada um d'esses reinados.

Da fundação do convento originou-se a fundação da villa da Batalha. As primeiras construcções que se fizeram foram para serviço das obras do monumento, taes como a *casa do mestre, a casa das medidas, a casa da seria, a casa da carpintaria, a da vidraria, da ferraria, os fornos da cal, telheiros*, e outras officinas.

Uma edificacão tão vasta, tão morosa apesar da actividade dos trabalhos, e que requeria o emprego de tantos braços, e de tão variados officios, não podia deixar de attrair, e de entreter

n'aquelle logar, outr'ora ermo, numerosa multidão de gente, não só de operarios mas tambem de vendedores de generos e mercadorias para o necessario fornecimento d'esse centro não pequeno de consumidores. Assim se foram construindo casas a par d'aquellas officinas para se accomodar n'ellas uma povoação, posto que adventicia e com caracter provisorio que, pelas razões expendidas, veiu a ficar permanente.

Todas estas construcções foram feitas nos terrenos da *quinta do Pinhal*, em que se fundava o convento; e como el rei D. João I determinára que frei Lourenço Lamprêa, seu confessor, fosse viver religiosamente com mais alguns companheiros nas antigas casas da mesma quinta, em quanto o convento não se achava em estado de os receber, edificou-se tambem alli uma ermida para os ditos religiosos celebrarem os officios divinos.

Dest'arte serviram de nucleo á casaria da villa as officinas da obra e as habitações dos operarios, bem como lhe serviu de matriz a ermida dos religiosos, cujas ruinas ainda lá se vêem. Ao diante, feita doação da quinta aos religiosos pelo monarcha fundador, e achando-se os frades já residindo no convento, foram estes aforando cháos a pessoas particulares com a clausula de levantarem casas, reservando porém uma parte para cerca do convento. Mais tarde el-rei D. Manuel completou aquella doação, incorporando n'ella as mencionadas officinas, e auctorizando os religiosos a disporem d'ellas logo que não fossem precisas para obras. Portanto, cumprida que foi esta condição, trataram os padres de as dar de aforamento com a mesma clausula com que aforaram os cháos. Sendo a povoação já bastante crescida no começo do reinado d'el rei D. Manuel, foi por este soberano desamexada do termo de Leiria, a que pertencia, e erigida em villa no fim do anno de 1498, ou principio de 1499. Foi tambem este monarcha o fundador da igreja parochial, da invocação de Santa Cruz, a qual teve começo no anno de 1512, concluindo-se no de 1532.

(Continúa.)

L. DE VILHENA BARBOSA.

Litteratura Infantil

O ANEL DE FERRO

por

D. João de Castro

N'uma elegante *plaque* bem impressa e illustrada, saída dos prélos da Imprensa Lucas, acaba a importante casa editora Empreza da Historia de Portugal de lançar a publico o primeiro voluminho de uma nova collecção infantil — *Historias para creanças* — a que o seu notavel auctor e nosso querido amigo D. João de Castro deu o titulo de *Anel de Ferro*.

Esta Empreza — que já possui uma outra collecção de livros infantis de que ha publicados treze volumes em formato Diamante — *Bibliotheca das Creanças* — não satisfeita ainda com a publicação de taes livros constituídos por contos que encerram sempre um fundo moral, abalançou-se, com a brilhante cooperação de um dos mais genuinos artistas da palavra, o sr. D. João de Castro — a quem ha pouco n'esta mesma revista o sr. Mello e Niza prestou justa homenagem a quando da critica á sua peça *A Deshonra* — a Empreza da Historia de Portugal — iam os dizendo — abalançou-se a iniciar uma série de contos em que as creanças aprendessem como que lições de cousas, de modo que o *Anel de Ferro*, de envolta com o entreccho da pequenina historia,



D. JOÃO DE CASTRO

Fernão Mendes Pinto

escripta em dialogo, é uma curiosa descripção da vida das formigas, esses pequeninos seres que são um modelo de actividade.

O sr. D. João de Castro — que já em tempo no prefacio de um dos volumes da *Bibliotheca das Creanças — Contos do Natal*, se não estamos em erro — publicou um conto para creanças que é um encanto — desempenha-se a primor da tarefa de que muito criteriosamente foi incumbido, nem o contrario seria para supôr, dadas as suas raras qualidades de poeta e prosador elegante e fino.

A D. João de Castro — cujo retrato nos honramos de inserir — felicitamos pelo seu bellissimo trabalho que está escripto n'uma linguagem facil á intelligencia das creanças, e a Empresa da Historia de Portugal igualmente felicitamos pela sua iniciativa, fazendo votos para que essa util publicação continue, pois, que saibamos, nenhuma existe, pelo menos no nosso paiz, n'aquelle genero, não deixando tambem de agradecer a amavel offerta do *Annel de Ferro* com que nos distinguui.

XVI-1-CXXIII

RUY DE ABOIM.

Em *post-scriptum* a esta noticia, cumpre-nos acrescentar que a mesma casa editora — Empresa da Historia de Portugal — acaba de publicar n'uma nitida e elegante edição a peça em tres actos *A Deshonra*, do sr. D. João de Castro, o auctor do *Annel de Ferro*, a que esta noticia respeita. A quando do apparecimento do romance — *A Deshonra* — d'onde o brilhante escriptor extrahiu a sua peça primorosamente representada no theatro da Republica, a que o sr. Mello e Niza com muito e justo louvor aqui se referiu — a quando do apparecimento d'esse romance, iamoz dizendo, escreveu o nosso collaborador Henrique Marques Junior estas palavras que achamos justo transcrever-las agora:

«Em Estylo terso e fluente, esta novella — cuja leitura nos enleva o espirito e nos arrebatá a alma — possui uma intriga magnificamente urdida, uma psychologia scintillante e uma acção intensa em que o imprevisito se combina excellentemente com as mais profundas emoções.»

Applicando essas sinceras palavras á peça, acrescentaremos que os tres principaes personagens do romance — Cesarina, Braz Themudo e Sebastião Corrêa — Tiveram um magnifico desempenho por parte de Italia Fausta — acriz que se estreou no Republica por essa occasião — Chaby Pinheiro — o artista de sempre — e Theodoro Santos — que fez o que pôde nos seus bons recursos artisticos.

E ficamo-nos por aqui, agradecendo ao sr. D. João de Castro a amabilissima offerta do exemplar da sua magnifica producção theatral.

R DE A.

A Junção do Bem

Por esta benemerita Instituição Particular de Beneficencia da Freguezia de S. Nicolau foi ofrecido ao director proprietario do OCCIDENTE um diploma de honra, que nos cumpre agradecer á digna Direcção, composta dos srs. Francisco Barreto, presidente; Artur Moreira de Oliveira, tesoureiro; Joaquim José Nunes, secretario; Augusto Anselmo, fiscal; A. Julio do Nascimento e Faustino Tavares Figueira, vogaes.

Bem merece esta instituição todo o auxilio do publico, pelos grandes beneficios que está prestando aos pobres da sua freguezia, com o que muito concorre para a assistencia publica, socorrendo ainda grande numero de creanças pobres das escolas da parochia, com que mais eleva sua altruista missão a *Junção do Bem*.

Esta instituição de beneficencia celebra o aniversario da sua fundação, no dia 2 de março proximo, com uma sessão solene, na sala da Associação Commercial de Lisboa, distribuindo, por essa occasião, esmolas aos pobres da freguezia.

Para esta solenidade enviou convites á imprensa de Lisboa e aqui agradecemos o que nos foi enviado.

«Il regne dans toute cette relation un air de sincerité qui prévient en faveur de l'auteur; c'est un miroir fidèle du caractère et des mœurs des premiers conquérants de l'Inde. On y trouve des détails très-curieux, très-attachants, dont quelques-uns sont embellis, mais qui reposent sur un grand fond de vérité.»

Grand Dictionnaire Universel du XIX^e Siècle, por M. Pierre Larousse, Paris — 1874.

«... monumentos preciosos de geographia descriptiva, como são a *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*,...»

Decreto, com força de lei, de 18 de março de 1911, inserto no *Diário do Governo*, n.º 67, de 23 (*Protecção das Obras Literarias e Artisticas — Comemoração de Berni*).

Se algum dia houver, entre nós, quem pretenda e possa levar a cabo, a nobilissima empresa de registrar, em paginas perduraveis, o activo da mentalidade portugueza em todas as provincias do saber e em todos os ramos scientificos, sem esquecer as silabas dos grandes nomes e o perfil dos grandes vultos, encherá um gróssio volume de nitido testemunho e de gloria eterna!

Ao presente, ainda não é frouxa a nossa mentalidade, apesar de ser decadente a litteratura.

Límito-me a citar tres sabios, que o mundo conhece e respeita: o mathematico Gomes Teixeira, o astronomico Campos Rodrigues e o geometra Schiapa Monteiro.

Hoje, e a proposito de José de Figueiredo, cujo retrato foi estampado recentemente n'esta revista, referir-me-hei ao egregio viajero portuguez de quem, ha pouco, o illustre director do Museu Nacional de Arte Antiga encontrou em Madrid um quadro notavel, que lhe autentica uma embaixada ao Japão e a quem a commissão administrativa do concelho de Almada, tambem de fresca data, consagrou com a mais inteira justiça, denominando de *Fernão Mendes Pinto*, um dos largos da antiga e historica vila.

Posto isto, vou transcrever do 2.º tomo, Lisboa, 1747, da monumental *Bibliotheca Lusitana*, o artigo que ahí lhe dedicou o celebre abade de Sever, Diogo Barbosa Machado:

«*Fernão Mendes Pinto* nasceu em a Villa de Montemor o velho do Bispado de Coimbra em a Provincia da Beira de Pays honrados, mas muito pobres. Quando contava a tenra idade de doze annos partio da sua Patria acompanhado de hum tio, e chegando a Lisboa a 21 de Dezembro de 1521, como desejasse fortuna mais prospera para o sobrinho o acomodou em a casa de huma Senhora illustre, onde depois de assistir nella pelo espaço de anno, e meyo com louvavel procedimento, foy obrigado para salvar a vida, retirar-se clandestinamente da dita casa. Embarcado em huma caravella, que de Lisboa partia para Setubal, foy prizoneiro por hum Cossario Francez, que depois de meter a fundo a embarcação, o tratou, e aos seus companheiros com grande incivildade, sendo este successo o tatal prologo das varias infelicidades que padecceu pelo espaço de sua vida. Restituido á liberdade voltou a Setubal, e depois de servir quasi dous annos o logar de Moço da Camara do Duque de Aveiro o Senhor D. Jorge filho natural d'El-Rey D. João o 2.º considerando que aquella occupação lhe não promettia os mayores augmentos se resolveo a buscar fortuna mais propicia em parte muito remota da sua Patria, qual era a India Oriental, para onde se embarcou a 11 de Março de 1537, em huma Armada de cinco naos, de que era Capitão mór D. Pedro da Sylva filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama. Havendo discorrido pela Ethiopia, Arabia Feliz, China, Tartaria, Sião, Pegô, Macassar, Samatra, Martavão, e todo o Archipelago Oriental, em cuja dilatada peregrinação que elle descreveo com igual juizo, que verdade, consumo a larga diuturnidade de vinte e hum annos, em que padecceo lastimosos, e increveis infortunios, sendo cativo treze vezes, vendido dezeseite, e quasi tragado das ondas por diversas occasiões não sendo tão fataes tribulaçoens e horrososos perigos, bastantes obstaculos para que não observasse com judicioso exame por ser dotado de agudo ingenho, e felicissima memoria, os costumes, e cerimoniaes de Naçoens tão varias; a potencia dos seus Principes, e a situação de tantos Reynos, e Provincias. Como tivesse adquirido algum cabedal, determinou em o anno de 1554, restituir-se á sua patria, e antes de executar este intento se con-

fessou geralmente com o P. Belchior Nunes da Companhia de Jesus em a Igreja de N. Senhora da Graça na Ilha de Chorão distante huma legoa de Goa, e vendo-se aliviado do pezo das suas culpas, começou a persuadir com grande efficacia ao mesmo Padre o copioso fruto, que se podia colher com a evangelica cultura do Japão por serem os seus naturaes, como elle testemunhára, os mais promptos, e docéis em obedecer á razão, e os mais constantes em conservar a Fé, para cuja sagrada empresa promettia doze mil pardaos em dinheiro além de quatro mil para o principio da erecção de hum Collegio da Companhia em a Cidade de Amanguchi, donde pudessem sahir os Missionarios para doutrinar a gentildade daquelle Imperio. Mereceo este Catholico intento a geral approvação de todos os Ecclesiasticos de Goa, e juntamente do Vice-Rey D. Afonso de Noronha, nomeando a Fernando Mendes Embaixador a El-Rey de Bungo. Antes de partir para o Japão distribuiu dous mil cruzados para alguns parentes pobres, que tinha em Portugal; applicou quatro para varias esmolas, e libertou grande numero de escravos, e embarcado com o P. Belchior Nunes, e outros companheiros destinados para a Missão, de que elle fora o Author, commovido do fervor com que estes Religiosos renovarão os votos solemnes se inflamou com tal excesso que levantando a voz com o rosto banhado em lagrimas, fez voto de viver, e morrer na Companhia de Jesus, e de empregar todo o seu cabedal em obsequio da Christandade Japoneza. Para satisfação de tão ardentese desejos foy admitido á Companhia em o anno de 1554, pelo P. Belchior Nunes, onde a preseverança não correspondeo a tão heroica resolução. Ultimamente depois de ter concluido o largo circulo das suas Peregrinaçoens por todo o Oriente se restituiu a este Reyno, e chegando a Lisboa a 22 de Setembro de 1558, quando governava esta Monarchia a Rainha Dona Catharina pela menoridade de seu neto D. Sebastião lhe apresentou os seus serviços authorisados com honorificas Certidoens do Governador da India Francisco Barreto, e depois de consumir quasi cinco annos na esperanca do despacho, vendo-se frustrado da merecida remuneração, se retirou para a Villa de Almada onde casou, e teve filhos, para os quaes escreveu o livro das suas Peregrinaçoens, até que mais cheyo de annos, que cabedades falleceu entre os annos de 1580 e 1581, e jaz sepultado na Igreja Parochial de S. Tiago da Villa de Almada.»

(Continua.)

D. FRANCISCO DE NORONHA

PELOS TEATROS

Ginásio

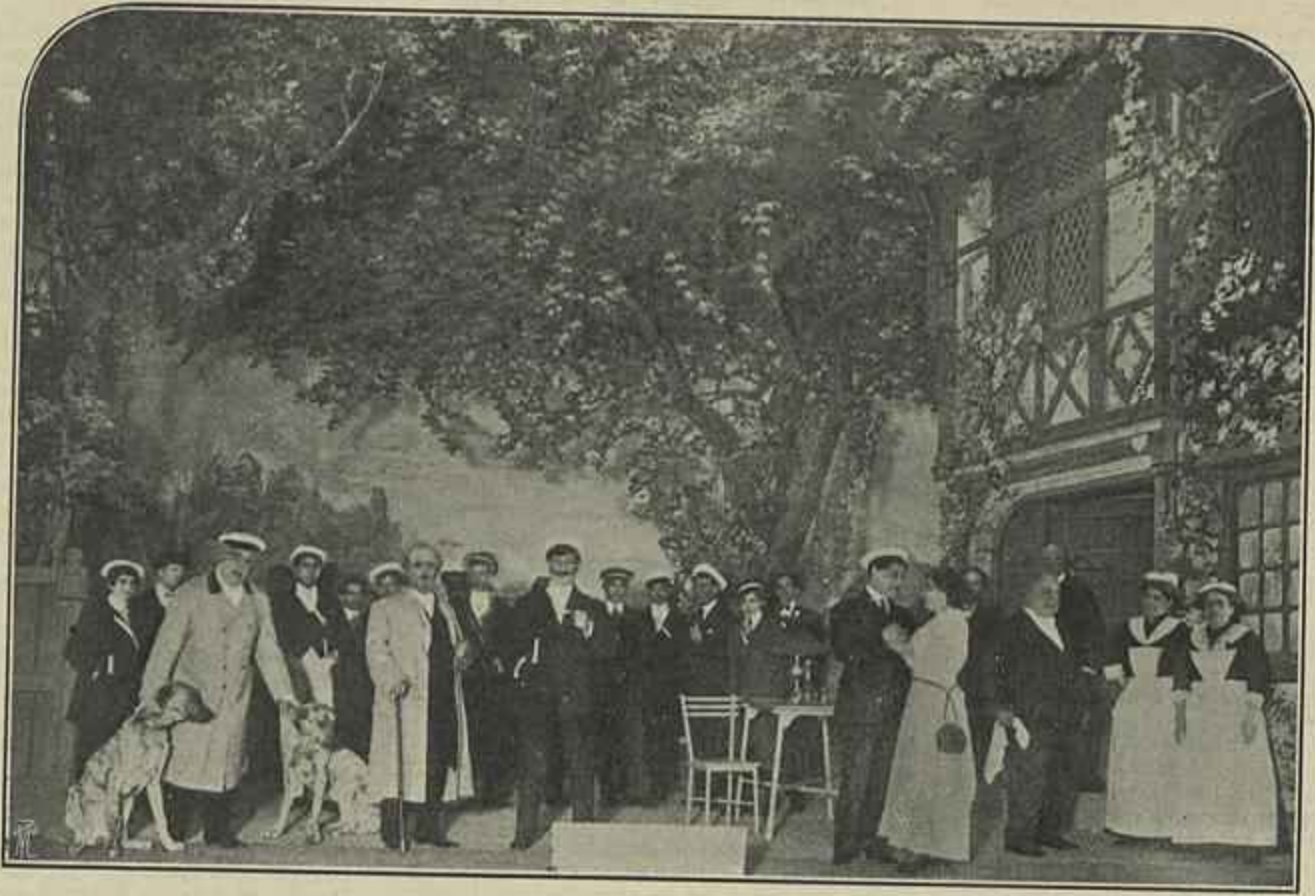
Entrou este teatro novamente num periodo aureo não só pelas peças que tem feito subir á scena na presente época, como pelo seu elenco no qual figuram alguns novos que muito se tem salientado e merecido do publico aplausos justos e sinceros. As comédias apresentadas tem sido escolhidas de entre as melhores estrangeiras e nacionais.

Assim, tivemos a *Lição Cruel* de Pinheiro Chagas e o *Camões do Rocio* de Ignacio Feijó a par da *Menina do Chocolate* de Garault e agora do *Principe Herdeiro* de W. Meyer Foerster, que vem precedida de justificada fama dos grandes centros.

Será preciso pôr em relêvo, para que daqui possamos endereçar os nossos parabens á empresa, o cuidado meticoloso que tem empregado na montagem das peças, scenário, mobiliário e outras pequenas coisas que era vulgar vêrem-se descuradas nalguns dos nossos palcos.

Em tudo se vê que mão feminina por ali passou, guiada por um gôsto requintado e por uma arte consumada.

Lucinda Simões foi a fada que transformou o Ginásio dos interiores burguezes, de mobiliarios antigos num teatro moderno e elegante; que procedeu, na escolha das peças a representar, a uma distincção para a qual contribuíram o seu critério seguro e sábio e o seu conhecimento do teatro, de modo que, como seguindo um programma, não desse ao publico obras prejudiciais



TEATRO DO GINASIO — «O PRINCIPE HERDEIRO», 3.º ACTO

para a sua educação estética; que tem sido a ensaiadora proficiente de todas essas obras que escolheu de entre as melhores, não descurando os mínimos detalhes e tendo encontrado nos interpretes fleis cumpridores das suas indicações.

Donde resulta que todas as peças representadas este ano tem tido brilhante successo não só pelo seu valor intrínseco como pelo seu desempenho harmónico.

O *Principe Herdeiro* em nada fica á quem da *Menina do Chocolate*, pela intuição, pelo sentido verdadeiro, pela observação judiciosa e exacta. Quando o dramaturgo ou comediografo sae fóra do ambito estabelecido quasi das situações normais da vida e encontra alguma coisa mais do que aquilo que é familiar de todos os dias e desvenda e faz rialçar uma coisa que até al se conservava oculta ou visível apenas para alguns raros, alcança indubitavelmente um nome e a sua

obra fica e grava-se na nossa memória e na memória dos tempos.

Fixar um certo estado de espirito, determinar-lhe as causas, analisar-lhe os efeitos e fazer daí uma obra de síntese, personificando-o, dando-lhe vida e acção é alguma coisa mais do que fazer encadear scenas que o nosso raciocinio admite que se poderiam ter dado.

A aspiração humana não se póde satisfazer com rialisações praticas. Necessita de alguma coisa superior, inatingível, a grandeza do símbolo.

Dêsse modo o teatro só nos pode dar um grande prazer intelectual quando colha essa essência da Vida e nos dê uma impressão profunda de humanidade sob uma formula abstracta que depois applicaremos aos factos ou contingencias que se nos deparem no decurso da nossa existencia.

O *Principe Herdeiro* possui essas qualidades. A vida de um principe, de tantos invejada, encarcerado na pragmática de uma côrte triste. A sua vida curta de estudante numa cidade universitária, em alegre convivio. A volta à côrte austera, a regencia, os negocios de estado, o isolamento dos principes e a recordação dos tempos de estudante e de uns amôres com uma rapariga do povo.

Diz se nos bastidôres e é facil de coligir que a novela é verdadeira.

Mais não seria preciso enaltecer a peça, que teve além disso um desempenho excelente distinguindo-se muito Mário Duarte no protagonista, Alja Aguiar, Telmo, Pato, Alegrim e Cardoso que desempenharam os principais papeis. Os outros muito bem. A tradução de Hermano Neves é correctissima.

A. N.

Almanaque Ilustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis,
nas outras terras 120 réis

CONTOS E DIGRESSÕES por CAETANO ALBERTO

Um volume illustrado de 224
paginas com linda cartonagem, completa novidade, 500 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca



em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO
ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na debilidade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doencas e sempre que é preciso levantar as forçças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200